

FLY0008**Carta familiar entre marido e mulher. De Peniche para [Lisboa].****Data**

16/02/1971

Referência Arquivística

N.A.

Arquivo Privado, Arquivo Privado, FLY0008, Fólio [1]r-v

Resumo

O autor, analisa, um a um, os membros da sua família. Com quem se demora mais é com a irmã da destinatária, sua cunhada, cuja doença psíquica lhe justifica uma série de reflexões e de conselhos. Preocupa-se muito com as filhas e com a possibilidade de não estarem a ter uma infância normal. Termina com uma série de encomendas, umas para si próprio, porque lhe fazem falta na cadeia, outras para serem mandadas em seu nome enquanto presente.

Local

Peniche

Cartas relacionadas

FLY0002 FLY0010 FLY0011 FLY1039 FLY1040 FLY1041 FLY1042 FLY1067 FLY1116 FLY2024
FLY2025 FLY2026 FLY2027 FLY2069 FLY2071 FLY2074 FLY2076 FLY2077 FLY2078 FLY2438
FLY2600

Texto**Fl. [1]r**

Peniche,

16. Fevereiro. 1971

Meu Amor:

Tantas coisas ainda a dizer-te e tão pouco espaço e tão poucas condições. Mas não desisto de romper esta dificuldade de convívio, mesmo se continuo à

espera da... tua resposta à minha carta de 3 de Fevereiro do corrente ano. Toma nota para não te esqueceres.

Já escrevi hoje a meu Pai e à [N]. Não é fácil isto de relevar a ternura e a amizade que se tem pelas pessoas, para além de tudo sem cair no servilismo, víncan-

do a personalidade que nos é própria, defendendo o que se reputa justo. Com meu Pai há sempre o perigo dum choque vivo de concepções de vida ou de sentimentos se pessoa-

lizar, esconder e desfigurar os laços afectivos que nos unem; somos em muitas coisas tão parecidos que nos tendemos a impor - embora naturalmente (é meu pai, é mais

velho, etc) isso surja mais da sua parte. É uma longa e longa história de incidentes que nos vão desgostando e logo vamos esquecendo porque ambos esquecemos com fa-

cilidade e com facilidade conseguimos desprendermo-nos de pequenas feridas, no esforço muito isento de compreender os outros, porque essas qualidades temos nós.

Falo a meu Pai na vossa visita, com pormenores das miudas, na tua promessa de escrever regularmente desde que tenhas resposta, etc. Sei que meu Pai es-

tá muito ligado às miudas, especialmente à [N], e acho que temos a estricta obrigação de perceber a sua saudade dela e de o acarinhar. 76 anos são 76 anos!

A [N] é outra coisa. Escreveu-me uma carta muito dolorida: está nitidamente e muito abalada com o aborto, derrotada pela perda do filho que sonha, com

a sensibilidade em carne viva. Daí acusar-me (ou nos), embora veladamente, de nada lhe termos escrito para que sentisse que também "vivemos um pouco as suas

dores e as suas chatices". Sofre e é mimalha! É compreensível, merece realmente o nosso carinho e a nossa ajuda no período difícil que atravessa.

A propósito falo-te da tua irmã. Fiquei a pensar. É tua irmã, sinto-a um pouco minha irmã também. É preciso encontrar a forma acertada de a ajudar. Não a ajuda nada, neste momento, a ideia que não está doente e é mesmo preocupante. Há dois preconceitos generalizados sobre doenças de foro psíquico: um tendente a fazer delas uma "coisa" de exterior à consciência do doente, enfronhando o sujeito no seu umbigo (a infância, o pai, a mãe, o sexo, isto e aquilo); outro, a de que essas coisas são "fita", "teatro", unicamente dependentes da vontade do sujeito. O primeiro conduz a tratamentos exaustivos, que desviam dos autênticos problemas, jogando cada vez menos a consciencia e a vontade do doente; o outro conduz ao desprezo de reais situações de doença e reflecte um preconceito anti-científico e até místico da independência inconditionada dos fenómenos psíquicos. Em todos os casos importa mostrar o papel decisivo da consciencia e da vontade do próprio. Mas isso não quer dizer que não haja situações em que as reacções e o comportamento não dependem já inteiramente do próprio, em que o equilíbrio psíquico atingiu pontos de rotura, perdendo-se o domínio de múltiplos aspectos da personalidade e do sistema nervoso e reativo, associado geralmente a elevados níveis de esgotamento físico. Em tais situações, o médico tem uma função fundamental e decisiva. Por um lado, diagnosticando o tipo e a origem da doença e o [...] estádio atingido por ela; depois orientando o doente para uma consciencialização dos próprios problemas (e neste sentido tem sempre um certo papel de confidente); e sobretudo determinando o tratamento (medicamentoso, sono, etc) que permita ao doente restaurar um mínimo do seu equilíbrio, recuperar energias, capacidades reactivas, etc – base imprescindível para que possa por si enfrentar os próprios problemas, sair do círculo vicioso em que tombou. Digamos, torna possível que a vontade e a consciência do doente assumam o papel decisivo que sempre tem de assumir. Um exemplo ilustrativo: um sujeito sofre um choque emocional, deixa de dormir, enerva-se, etc. É natural; é justo dizer-lhe que terá de reagir por si próprio, adaptar-se à situação gerada pelo choque sofrido, vencê-la, etc; mas, nalguns casos, a insónia debilita-o a tal ponto que dificulta ou impede a reacção, a adaptação, etc. O problema tende a

Fl. [1]v
avolumar-se e a mudar de natureza. É cegueira, em tal caso, desprezar a ciência médica que permite combater eficaz e facilmente a insónia, precisamente para recobrar energias, reencontrar o equilíbrio, etc, em suma, recuperar o comportamento normal. O exemplo é muito simplista, mas mostra o que quero dizer. A vossa irmã tem necessidade de tomar um conjunto de decisões difíceis, que impõem uma consciência lúcida de si própria e das coisas. Não o poderá fazer – seja qual for o sentido em que o venha a fazer – sem recuperar um mínimo de equilíbrio nervoso e físico, enquanto não romper um círculo vicioso de problemas – ansiedade – angustia – indecisão – esgotamento físico – problemas – angustia – indecisão – etc, círculo que não se fecha mas se vai tornando crescente, como uma bola de neve. Os elos a quebrar é, por um lado, vencer o esgotamento nervoso e físico e, por outro, consciencializar os problemas em todos os seus aspectos. Sem isso, decidir é um acto gratuito ou desesperado ou louco. Há o perigo de ser "envolvida" pelo próprio tratamento? Há, mas também dependerá do médico que souber escolher. O [N] – não! Um [N], sim! Em minha opinião (e amigável conselho) devias ter uma conversa séria com a tua irmã, tipo: "Vamos lá a ver o que há e o que há agora e aqui a fazer imediatamente. As coisas não se resolvem todas de uma vez. Vamos por partes e vamos lá ver por onde começar a sério". Sinto, pressinto melhor, que é importante impedir a tua irmã e de se enrolar numa bola de neve de desacertos e erros, de desesperos e fugas que fazem passar as horas, mas agravam os reais problemas, a instabilidade, o descontentamento de si própria, etc. Estás – julgo-o convictamente – em condições de ajudar a tua irmã, melhor do ninguém. Não podes substituir a ajuda que está nas tuas mãos dar-lhe. Quis dizer-to mesmo com prejuízo de coisas outras que queria dizer-te.

Decididamente gostei dos postais para as miudas; das reproduções só de duas (desenhos Degas). Vê= se me arranjias mais (não há coleção?) dos que tem uma história em verso (trouxeste-me dois, azuis com letras e desenhos a branco). Quando tiveres ocasião ou vagar, lembra-te?

Já muito comprimidamente: peço-te encarecidamente que compres o boneco que a [N] pediu (palhaço de corda a dar saltos: onde é que ela teria visto isto? O facto é que existem mesmo). Sensibilizou-me o reparo da [N] sobre os feltros para a [N] e nada para ela. Não tem sentido eu dar voltas para comprar o boneco que me é impossível arranjar aqui. Dá-lho como se tivesse sido enviado por mim pelo correio. Considero isto importante: apelo para a tua compreensão e sensibilidade. Ao mesmo tempo, compra um livrinho de histórias para a [N]: para não ficar agora ela a chuchar no dedo... O resto disto, dos postais compra-dos e a comprar, dos cotovelos da camisola, da escova de dentes comprada, das peúgas compradas e de qq. outra coisa q. me tenha esquecido mencionar, diminuis ao dinheiro q. minha irmã me mandou e depois entregas-me ou envias-me o resto, se dele não precisares evidentemente! (Eu desisti POR agora do conserto dos olhos, porque vou-me arranjando com os que tenho:-) Já agora compra-me 3 Sabonetes Glyce Ach Brito.

Não queria esquecer-me de te meter um empenho para que "fantasies" ou "mascaras" a [N] para a festa do colégio. Falo nisso a meu Pai, mas já não deve ir a tempo dele "intervir". Ela vive - com toda a mimalhice de que tu a impregnas - o problema sentidamente. A miudinha já tem excessivas coisas que a dis-tinguem das outras, que devemos evitar-lhe mais. É evidente que se fôr questão de dinheiro, avança e diz-me quanto é diz-me que eu comprometo-me solenemente a arranjá-lo.

E com tudo isto ainda não te perguntei por ti, eixo disto tudo, subjacente a isto tudo e só aparentemente omitida. Tive que me limitar ao que considerava mais imediato. Sábado, se tiver disposição, escreverei; e sobretudo se tiver recebido essas cartas rascunhadas, tuas: porquê, mas porquê? Compreende que te amo e que preciso das tuas cartas para além, muito para além da estilística! (Que peneiras no meio disto!)

Conta-me das miudas e de ti. Como é que as [...] miudas vêm da escola? Como é que vão? Responde-me às perguntas sobre como é isto, etc.

Abraços à tua Mãe e à tua Irmã. Muitas meiguices e beijos às miudas.

Com amor, beijo-te

[N]

P.S.

Ps o tabaco de cachimbo não esqueças que eu prefiro mesmo o "branco" (caixa branca). Por favor, diz-me quando fazem anos a [N], a [N] e o [N]

[N]

Fl. [1]r

PS: Estava para mandar a meu Pai uma foto da [N] das tiradas pela tua irmã. Mas só tenho duas, e além disso, agradava-me muito mais que fosses tu a enviar-lhe uma! Fazes mesmo isso? Confio que sim!

[N]

Contexto

prisão

Palavras Chave

Tipo: conselho

História: prisão

Sociologia: família, saúde, migração, condições económicas

Normas de Transcrição

Transcrição quasi-paleográfica, normalizando-se apenas a fronteira de palavra. As conjeturas do editor surgem entre parênteses retos e as leituras difíceis foram assinaladas com contraste de cor. As formas emendadas nos originais manuscritos estão rasuradas com um traço sobreposto, enquanto as formas acrescentadas nos mesmos originais se transcreveram na entrelinha superior. Com o intuito de salvaguardar dados privados, as ocorrências de nomes de pessoa surgem substituídas pela letra [N], as de nome de lugar, pela letra [L] e as de outros dados, pela letra [D]. Finalmente, as cartas de acesso restrito têm reticências entre parênteses retos a assinalar texto suprimido.

Suporte Material

Suporte: uma folha de papel de carta pautado de 30 linhas escrita em ambas as faces; carimbo da censura da Cadeia do Forte de Peniche.

Medidas: 275mm × 211mm

Mancha Gráfica: sem linhas em branco entre a fórmula de endereço e o início do texto.

Créditos

Transcrição: Ana Guilherme

Revisão: Mariana Gomes

Codificação DALF: Ana Guilherme

Contextualização: Ángel Rodríguez Gallardo

Discorda da nossa leitura? Por favor escreva-nos: cardsclul@gmail.com